

Da *idiosincrasia* da variante brasileira do português e do seu papel para o estatuto de importância crescente desta língua*

Henrique Barroso
(Universidade do Minho)

0. Introdução

0.1. O português do Brasil, sendo um *exemplo*, é também e sobretudo um *caso exemplar*¹ de uma língua transplantada: é que o Brasil, aquele país-continente, tem sido e – não há razões para pensar o contrário – continuará a ser um cadinho rácico [europeu (vários) + índio (vários) + africano (vários)], cultural (a mentalidade brasileira) e linguístico (a variante brasileira, bem tropical e afectiva, do português). Isto quer, pois, significar que a **realidade brasileira** (que se caracteriza, para além da unidade territorial, pela unidade linguístico-cultural e por um enorme sentido de tolerância) só pode ter resultado, resultar e continuar a resultar da interacção mútua, livre e sem preconceitos, isto é, da miscigenação *lato sensu* étnico-linguístico-cultural.² Isto, por um lado.

0.2. Por outro lado, é evidente que os cerca de 160 (segundo umas fontes)³ ou 166 (segundo outra fonte)⁴ milhões de brasileiros têm contribuído, contribuem e continuarão a contribuir para a cada vez mais acentuada importância internacional deste sistema semiótico/ instrumento de comunicação: ‘língua materna’ de muitos milhões (sobretudo em Portugal e no Brasil), ‘língua oficial’ de vários milhões (essencialmente em Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, e – ao que parece (vou acreditar que sim!) – sê-lo-á também em Timor Lorosae) e ‘língua segunda’ e/ ou ‘terceira’ de milhares de cidadãos do mundo inteiro que, pelas razões mais diversificadas, entenderam/ entendem adquirir-lo.

1. Da idiossincrasia da variante brasileira do português

Que portugueses e brasileiros se entendem perfeitamente (prova de que usam a mesma língua)⁵ e que a ambos não são alheias diferenças várias, para um lado e para o outro (prova de, pelo menos, duas variantes da mesma língua), não é novidade para ninguém: trata-se simplesmente de factos. Ora, porque o português europeu é que foi transplantado para a América (e não o contrário), interessa-nos (re)conhecer o carácter idiossincrásico do português americano, o que implica, por um lado, perceber a sua génese e, por outro lado, as respectivas manifestações (apenas os traços deveras representativos, e com uma função meramente ilustrativa, evidentemente).

1.1. Da sua génese...

1.1.1. Há quinhentos anos, poucos mais éramos do que um milhão, mas já navegávamos (e com que frotas! mas com que fins?!...). Tínhamos (e é o que importa aqui e agora registar – funcionando, pois, como um indício –) um projecto nacional (ou projectos nacionais) que havia(m) de marcar o nosso futuro enquanto estado, nação, povo e parcela da humanidade: estou a reportar-me, como sabem já todos, aos Descobrimentos e tudo o que esta empresa implicou e acarretou.

Hoje somos dez milhões. E projectos nacionais? Parece que não existem, pelo menos assim tão marcadamente. Apesar de tudo, somos mais nove milhões: o que quer dizer que, matematicamente falando, nos multiplicámos por dez. Mas, verdadeiramente relevante, é o facto de, em termos linguísticos, sermos dez vezes mais os falantes que têm o português por língua materna: o que quer, por conseguinte e por outro lado e também por si só, significar que, estatisticamente, é uma língua **com futuro** e, muito provavelmente, em termos geoestratégicos e sobretudo culturais, uma língua **de futuro**: continuamos a navegar... agora na *net*. É certo que ao lado de outros navegadores talvez mais bem equipados, mas não importa: estamos lá!

Também há quinhentos anos, noutras paragens do globo, mais propriamente: na América do Sul, quer na costa quer no interior, ainda dormiam tranquilamente – porque não sonhavam o que lhes iria acontecer e que lhes viria a transformar a vida para sempre – os seus naturais, isto é, os indígenas que falavam maioritariamente línguas da família tupi-guarani, mas também outras.

1.1.2. Ora, é exactamente aqui, com a contingência da chegada, a 22 de Abril de 1500, da frota de Pedro Álvares Cabral às costas do futuro Brasil, que está o início absoluto (o **primeiro momento**) da variante brasileira do português (rigorosamente, claro, só com a transplantação do português dos sécs. XV e XVI levado pelos primeiros colonos da metrópole, o que aconteceu um par de anos mais tarde). A partir deste momento, e porque os colonos eram oriundos de praticamente todas as regiões de Portugal (nesta altura era já bem sensível a dialectação), põe-se em marcha (permita-se-me usar um termo tomado de empréstimo às ciências biológicas) a **embriogénese** da variante brasileira do português que, à medida que o tempo vai passando, vai tomando/ adquirindo contornos muito próprios sobretudo devido a um conjunto de nutrientes que mais ou menos vão fazendo o seu risco, a saber: os primeiros colonos, uma vez em contacto e longe da pátria, tendem a diluir as diferenças e a manter um certo conservadorismo; os Jesuítas aprendem o tupi para mais facilmente catequizarem os indígenas (fenómeno curioso este porque, apesar de o tupi ter sido *língua geral* durante os dois primeiros séculos da colonização, foi o português – língua de civilização – que acabou por se impor: **legalmente**, pelo *Directório* (1757) do Marquês de Pombal que, interdizendo o uso oficial da *língua geral*, prescrevia obrigatoriamente o da língua portuguesa, e **naturalmente** porque, no dizer de Melo (41981: 17), «se deu um fenómeno de capital importância na história das línguas: os indivíduos que tinham o tupi como língua materna abandonaram-no e adotaram o novo idioma.»; a acção dos *mamelucos* (mestiços de europeu e índia) nas *Bandeiras*; os milhões de escravos africanos⁶ (que falavam essencialmente ioruba e quimbundo); as sucessivas levadas de colonos da metrópole (no séc. XVIII, por causa do ouro, parece que chegaram ao Brasil mais de 800 000 portugueses!); colonos açorianos e madeirenses (séc. XVIII); as condições de trabalho, entre os sécs. XVI e XIX, nos engenhos da cana-do-açúcar, nas minas, nas plantações de café e outras fazendas criaram condições típicas de pidginização e crioulização⁷; a colonização estrangeira⁸, a partir de 1824: alemães, eslavos (polacos e ucranianos) e também de outros países europeus e, em 1918, o início da colonização japonesa⁹; contacto com os povos vizinhos (de língua espanhola)...

1.1.3. De tudo isto, é claro, e porque a influência cultural e linguística de Portugal foi sempre muito forte (os professores de português nos colégios, mesmo no séc. XIX, eram maioritariamente portugueses)¹⁰, só pode ter resultado (e a ebulição continua) uma actualização do português bem diferente da europeia, de tal modo que os Românticos e os Mo-

dermist, eivados de um acentuado espírito nacionalista, até chegaram a falar, como nos informa Elia (1994: 559 e 565-567), respectivamente, de *dialecto brasileiro e língua brasileira*, o que evidentemente não vingou (nem poderia vingar), porque a língua é portuguesa e o estilo, nas palavras de Melo (⁴1981: 131-144), é que é brasileiro: a tal idiossincrasia que vamos tentar ilustrar de imediato.

1.2. ... e das respectivas manifestações

1.2.1. De entre as manifestações idiossincráticas mais marcantes do português brasileiro e que tão singularmente ilustram a miscigenação linguístico-cultural, está, pelo menos para mim, a sua **antroponímia** (nomes próprios e apelidos), senão vejamos: se percorrermos as cinco páginas do Programa deste congresso, encontramos (só para citar alguns, porque não há tempo/ espaço para todos) nomes como: Rosa Virgínia Mattos e Silva, Leodegário de Azevedo Filho, Ataliba Castilho, Gladis Massini-Cagliari, M.^a Helena de Moura Neves, Dinah M.^a Isensee Callou, Vanderci de Andrade Aguilera, Aparecida Negri Isquerdo, Cristina Altman, José Luiz Fiorin, Ení P. Orlandi, Marymarcia Guedes, Ricardo Cavaliere, M.^a Vicentina de Paula de Amaral Dick, Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, Yonne de Freitas Leite, Evanildo Bechara, Afrânio Gonçalves Barbosa, Helena Gryner, Sonia M.^a Lazzarini Cyrino, Vilma Reche Corrêa, Eliana Pitombo Teixeira, Luiz Carlos Schwindt, Leda Bisol, Ingedore G. Vilaça Koch, Denilda Moura, Paulo de Tarso Galembeck, Veraluce Lima dos Santos, Cristina Aparecida Migliorança Donegá, Adir Casaro Nascimento, Valdir Vegini, Milton M. Azevedo, Elza Sabino da Silva Bueno, Claudete Moreno Ghiraldelo, Diléa Zanotto Manfio, Jacyra Andrade Mota, Genésio Seixas Souza, Evani Viotti, Leonor Werneck dos Santos.

Esta lista (que poderia ser muitíssimo maior) mostra, por um lado, que os **nomes brasileiros** são constituídos por nomes portugueses, espanhóis, franceses, alemães, italianos, eslavos, tupis, japoneses, etc., etc. e que, por outro lado, o **nome de um só indivíduo** pode ser constituído por um nome próprio português seguido de apelido(s) de outra(s) nacionalidade(s) e vice-versa: são muitíssimas as combinações.

1.2.2. Quanto a outras manifestações idiossincráticas também marcantes desta variante do português e ainda mais ou menos ilustrativas da miscigenação linguístico-cultural, vou – sobretudo por falta de tempo/ espaço e também porque, tendo já sido mais ou menos sis-

tematicamente estudadas noutros lugares por outros autores¹¹, se podem dispensar – apenas recordar as áreas de maior sensibilidade: na prosódia (entoação); nas componentes fonético-fonológica (cadeia sonora mais vocálica, redução do sistema fonético, etc.), morfosintáctica (simplificação e redução das flexões, colocação dos pronomes pessoais, etc.) e léxico-semântica (tupinismos, africanismos, palavras ameríndias e hispano-americanas, criações novas, brasileirismos semânticos, arcaísmos, etc.); nas formas de tratamento.

2. Do papel da variante brasileira para o estatuto de importância crescente da língua portuguesa

2.1. Mesmo considerada isoladamente, a variante europeia do português, actualizada por 10 milhões de falantes, está longe de ser uma língua pouco falada, quer no mundo (há um número elevadíssimo de línguas com um número muitíssimo inferior de falantes) quer na Europa. Aqui, por exemplo, e tendo presente as tabelas apresentadas por Wolf (1999: 30-32), num estudo sobre a língua alemã, o português ocupa, em 40, o 13.º lugar, com 10 100 000 falantes (em 1.º lugar está o russo, com 135 769 000, e, em último, o estónico, com 1 046 000); dentro da União Europeia, com onze línguas oficiais, o português está em 7.º lugar (em 1.º lugar está o alemão, com 90 milhões, e, em último, o finlandês, com 4,9 milhões); em relação às línguas europeias faladas no mundo, o português está em 3.º lugar, com 170 milhões (em 1.º lugar está o inglês, 391 milhões, e, em último, o finlandês, com 4,9 milhões); no que diz respeito ao número de países em que é língua oficial, e ainda relativamente às onze línguas oficiais da UE, o português encontra-se, com o alemão, em 4.º lugar: oficiais em 7 países (em 1.º lugar está o inglês: oficial em 59 países, e, em último, o finlandês: oficial apenas num país: Finlândia).

2.2. Agora, juntando à variante europeia (com 10 milhões de falantes) a variante brasileira (com 166 milhões de falantes), a língua portuguesa vê aumentado exponencialmente o seu estatuto de importância, não só enquanto língua materna mas também enquanto língua de expressão literária, língua oficial, língua geoestratégica e língua estrangeira. Por exemplo, em termos de falantes, o português é, a par do russo, a 6.ª língua mais falada do mundo como primeira língua/ língua materna [o idioma mais falado no mundo é o mandarim (885 milhões), depois o espanhol (332 milhões), o inglês (322 milhões), o bengali (189 milhões), o hindi (182 milhões), o português e o russo (170 milhões), o

japonês (125 milhões) e o alemão (98 milhões); o francês ocupa o 13.º lugar e o italiano, o 27.º]12.

2.3. Evidenciando ainda o seu estatuto de importância crescente, o português é também uma das línguas mais faladas/ utilizadas no ciberespaço (por exemplo, no *Público* do dia 25 de Outubro de 1999, pode ler-se: «Cinco milhões de internautas falam português» e «Português é a língua que mais cresce na Net»). Neste momento, e segundo um estudo da Euromarketing Associates referido por aquele periódico, ocupa o 11.º lugar. No entanto, também como aí se refere, se se tiverem em consideração todos os dados e devidamente actualizados, o português passa a ser (= é) o 8.º idioma mais utilizado no ciberespaço, a seguir aos idiomas (por ordem decrescente) inglês, japonês, alemão, chinês, espanhol, francês e italiano.

2.4. Por fim, o português é também uma língua geoestratégica: está na Europa (Portugal e União Europeia), na América (Brasil e Mercosul), em África (língua oficial em cinco países) (o triângulo do Atlântico) e ainda, embora muito insegura e menos representativamente, na Oceania (Timor Lorosae) e na Ásia (Macau e pouco mais).

3. Conclusão

Do exposto, só se pode concluir que o encontro entre povos de culturas tão distintas (e tudo o que o evento acarretou e continua ainda a acarretar) acabou por ser uma feliz contingência (e isto, sem qualquer valoração negativa e/ ou positiva), quer para a humanidade em geral (a **criação e desenvolvimento**, da interacção mútua, livre e de enorme tolerância entre europeu + índio + africano, da **realidade brasileira**), quer para o futuro de um instrumento de significação-comunicação como é o português: de língua materna de pouco mais de um milhão de falantes passou a sê-lo de uns largos milhões (portugueses, a esmagadora maioria dos brasileiros, alguns milhares nos países africanos de expressão oficial portuguesa e nas comunidades portuguesas no estrangeiro e língua segunda e/ ou terceira de milhares de cidadãos no mundo inteiro; de língua nacional de um país passou a sê-lo de dois (Portugal e Brasil) e língua oficial de mais cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe); de expressão de uma literatura nacional passou a expressão de várias literaturas nacionais; e, por fim, de língua de comunicação nacional apenas passou a língua de comunicação internacional (em muitas

organizações internacionais onde Portugal e/ ou outros países de expressão portuguesa tem/ têm assento e, *last but not least*, na *internet* – o número de *sites* em português bem como o número de internautas que utilizam esta língua estão já clara e definitivamente representados –, e só para falar do seu estatuto na actualidade.

4. Notas

* **Observação preliminar:** Queria aqui deixar claro que é sobretudo na qualidade de observador, relativamente atento, de alguns factos e/ ou aspectos da variante brasileira do português, que sobremaneira me chamam a atenção e me têm posto a pensar, que vou falar, e não propriamente na de um especialista no sentido rigoroso do termo, que de modo algum sou.

¹ Para uma outra perspectiva deste aspecto, cf. Barroso, H., «O português do Brasil: um caso exemplar de uma língua transplantada», in *Ciberkiosk* 10 (Novembro de 2000) (site: <http://www.ciberkiosk.pt>).

² É isto mesmo que acabo de ver confirmado pela pena de um sociólogo e ex-ministro brasileiro, Hélio Jaguaribe, citado por Iza Salles Freaza num artigo publicado no semanário *Expresso* (2000/04/21), ao escrever que o sentido de tolerância «proporcionou a mais ampla miscigenação étnica, instilou um generalizado humanismo e conferiu uma grande abertura para as diversidades do mundo, contrastando com o sentido segregativo e paroquial de quase todas as demais experiências coloniais».

³ Cf. Callou (1998: 255) e Silva (1999: 18).

⁴ Cf. *Expresso* (2000/04/21).

⁵ Vejamos o que a este propósito escreve Melo (³1978: 43): «No Brasil se usam muitos nomes e muitos verbos desconhecidos em Portugal e vice-versa. Milhares. No entanto, nem criamos nem importamos qualquer novo instrumento gramatical, como pronome, preposição ou artigo. Isto é uma das provas de que não existe “língua brasileira”, porque, como dissemos, são as *palavras gramaticais* que dão fisionomia e característica à língua.» e ainda Melo (⁴1981: 148): «Portanto, *morfemas* e *palavras gramaticais* são os mesmos no Brasil e em Portugal: logo...».

⁶ Cf. Elia (1994: 564).

⁷ Por exemplo, no dizer de Lucchesi (1998: 78), «Essa situação de contato lingüístico abrupto e radical certamente produziu drásticas alterações na gramática da variedade lingüística dos segmentos mais baixos da população brasileira, que constitui o antecedente histórico do português brasileiro *substandard* atual. E pode-se pensar também que tal situação não se alterou até a abolição da escravatura em 1888, seguida pela massiva imigração europeia e asiática e do surto de industrialização no início do século XX.»

⁸ Segundo Lucchesi (1998: 80), entre finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, chegaram ao Brasil mais de três milhões de emigrantes europeus e asiáticos que, trabalhando primeiro no duro, acabaram, por educação, por ascender na pirâmide social e levar consigo os hábitos lingüísticos característicos da norma popular (daí a explicação destes traços na norma culta).

⁹ Cf. Vandresen (1998: 394).

¹⁰ Cf. Lucchesi (1998: 77).

¹¹ Cf., entre outros, Dietrich (1999 e 1998), Elia (1994) e Melo (⁴1981).

¹² Estes dados, colhidos no *Público* (1999/10/25), encontram-se no n.º 13 de *Ethnologue* (publicação do Summer Institute of Linguistics International).

5. Referências bibliográficas

5.1. Estudos

- CALLOU, Dinah Maria Isensee (1998): «Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfossintáticas», in GROBE, Sybille/ ZIMMERMANN, Klaus (eds.), «*Substandard*» e mudança no português do Brasil, pp. 255-272.
- DIETRICH, Wolf (1999): «A importância do tupi na formação do português do Brasil», in GÄRTNER, Eberhard/ HUNDT, Christine/ SCHÖNBERGER, Axel (eds.), *Estudos de história da língua portuguesa*, pp. 153-172.
- DIETRICH, Wolf (1998): «Amerikanische Sprachen und Romanisch c) Zentrale und südliche Tiefländer, Brasilien», in HOLTUS, Günter/ METZELTIN, Michael/ SCHMITT, Christian (eds.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VII, pp. 478-499 (sobretudo pp. 489-499).
- ELIA, Sílvio (1994): «O português do Brasil», in HOLTUS, Günter/ METZELTIN, Michael/ SCHMITT, Christian (eds.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, 2, pp. 559-575.
- GÄRTNER, Eberhard/ HUNDT, Christine/ SCHÖNBERGER, Axel (eds.) (1999): *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM (Biblioteca Luso-Brasileira, vol. 7).
- GROBE, Sybille/ ZIMMERMANN, Klaus (eds.) (1998): «*Substandard*» e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM (Biblioteca Luso-Brasileira, vol. 6).
- HOLTUS, Günter/ METZELTIN, Michael/ SCHMITT, Christian (eds.) (1994 e 1998): *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, 2 e VII. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- LUCCHESI, Dante (1998): «A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador», in GROBE, Sybille/ ZIMMERMANN, Klaus (eds.), «*Substandard*» e mudança no português do Brasil, pp. 73-99.
- MELO, Gladstone Chaves de (³1978): *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- MELO, Gladstone Chaves de (⁴1981): *A Língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão - Livraria Editora.
- SILVA, Thaís Cristófaru (²1999): *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Editora Contexto (¹1998).

VANDRESEN, Paulino (1998): «Algumas indicações de mudança em curso no português falado na Região Sul», in GROBE, Sybille/ ZIMMERMANN, Klaus (eds.), «*Substandard*» e mudança no português do Brasil, pp. 393-414.

WOLF, Norbert Richard (1999): «Die deutsche Sprache in Europa», in *AvH-Mitteilungen* 74, pp. 27-32.

5.2. Imprensa

Expresso (semanário), Lisboa.

Público (diário), Lisboa e Porto.